

A PAISAGEM NA OBRA DE LOWENTHAL: UM PERCURSO A PARTIR DAS CONFLUÊNCIAS ENTRE CULTURA E MEMÓRIA
The landscape in Lowenthal's work: a route from the confluences between culture and memory

Rafael Augusto Andrade Gomes¹

RESUMO

O objetivo deste texto é analisar, a partir de artigos e dados bibliográficos, a confluência entre as dimensões do conceito de paisagem segundo o geógrafo David Lowenthal (1923-) e alguns aspectos da pesquisa geográfica pretensamente inaugurada pela chamada nova geografia cultural. As trajetórias de Lowenthal e de alguns de seus interlocutores diretos cruzaram-se com as desses ditos geógrafos culturais renovados, o que nos faz crer em um ambiente intelectual da época e do lugar propenso ao desenvolvimento das características recorrentemente associadas à geografia cultural renovada. Ao destacar as considerações geralmente atribuídas aos renovadores da geografia cultural, delinear as perspectivas epistemológicas desenvolvidas por Lowenthal no trato da paisagem e contrapô-las às dimensões da paisagem na nova geografia cultural, observou-se a necessidade de considerar, na análise do desenvolvimento de uma abordagem geográfica, os encontros entre as trajetórias dos sujeitos e as referências bibliográficas claramente explicitadas nos trabalhos publicados.

Palavras-chave: Paisagem. Cultura. Memória. Geografia Cultural. David Lowenthal.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze, from articles and bibliographic data, the confluence of the landscape concept of the dimensions according to the geographer David Lowenthal (1923-) and some aspects of geographical research supposedly opened the new cultural geography. The trajectories of Lowenthal and some of his direct interlocutors crossed with those sayings renewed cultural geographers, which makes us believe in an intellectual atmosphere of the time and place prone to the development of recurrently associated characteristics of cultural geography renewed. By highlighting the considerations generally attributed to the renovators of cultural geography, outline the epistemological perspectives developed by Lowenthal in landscape tract and to oppose them to the landscape dimensions in the new cultural geography, there was the need to consider in the development analysis of a geographical approach, the meetings between the trajectories of the subjects and references clearly stated in the published work.

Keywords: Landscape. Culture. Memory. Cultural Geography. David Lowenthal.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro. rafagomesgeo@gmail.com.
 ✉ Avenida Athos da Silveira Ramos, 274, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ. 21941-916.

INTRODUÇÃO

Geografia cultural de Berkeley e nova geografia cultural são denominações correntes na história da geografia, com consideráveis repercussões no Brasil e oriundas de relatos de parte da literatura geográfica de língua inglesa que versa sobre a tradição dos estudos culturais. Os relatos da passagem de uma geografia cultural tradicional, “sediada” em Berkeley, para uma nova geografia cultural estão embasados em um conjunto de princípios que nos levam a acreditar em uma marcha do antigo ao inédito, em que ambos se complementarizam rumo a uma abordagem mais completa.

Diante das narrativas do desenvolvimento da chamada nova geografia cultural, é possível perceber que o geógrafo David Lowenthal (1923-) não é comumente associado a tal movimento ou denominação teórica, o que nos fez formular a seguinte questão geral: Qual será a relação da obra de David Lowenthal com os princípios preconizados pelos geógrafos apontados como precursores desta nova geografia cultural? Cabe alertar, no entanto, que nosso objetivo não é, em um breve escrito como este, recontar a história da geografia cultural, tampouco negar as narrativas existentes sobre o referido subcampo e, muito menos, inserir David Lowenthal em uma ou outra abordagem geográfica. Nosso intento é bem mais modesto e sugere, apenas, indícios de outras possibilidades de análise e escrita do pensamento geográfico.

Cientes das limitações de um artigo, fez-se necessário definir limites bastante precisos para a breve investigação. Dessa forma, constitui-se como objetivo deste texto analisar as relações entre o conceito de paisagem em David Lowenthal para a pesquisa geográfica e as dimensões do conceito de paisagem nos chamados novos geógrafos culturais – pelo menos um grupo específico de geógrafos definidos

por Corrêa (2012) e dicionários ou compêndios de geografia cultural anglo-americanos. Em outras palavras, questionamo-nos acerca dos intercruzamentos e distanciamentos entre os caminhos do conceito de paisagem em David Lowenthal e nos novos geógrafos culturais. Para contemplar o objetivo supracitado, encaminha-se o trabalho segundo três procedimentos essenciais: i) destacar, segundo alguns dicionários/compêndios de geografia humana e geografia cultural, as contribuições de autores considerados renovadores da geografia cultural; ii) delinear os aspectos epistemológicos da paisagem nos artigos de David Lowenthal; iii) contrapor as dimensões da paisagem em David Lowenthal aos aspectos evidenciados da paisagem que serviram como base à retomada do conceito.

NARRATIVAS DA GEOGRAFIA CULTURAL

Em um Dicionário de Geografia Humana (GREGORY *et al.*, 2009), Denis Cosgrove não é mencionado diretamente como uma das bases da abordagem cultural. A estrutura do referido dicionário segue uma divisão tripartite da *cultural geography* em seus primórdios: i) abordagem sauerina de Berkeley; ii) abordagem europeia a partir dos trabalhos de Vidal de la Blache (1845-1918); iii) abordagem britânica. A partir da contestação ao privilégio da paisagem rural, da dimensão histórica e das formas tradicionais nessas abordagens primeiras, alvorecem diversas perspectivas, segundo o referido verbete (GREGORY *et al.*, 2009, p. 131). Entre elas, há aquela denominada *New Cultural Geography* – caracterizada, segundo o dicionário, por compreender os desenvolvimentos críticos da Sociologia e da Geografia Social de um lado, e, de outro, das Artes e Humanidades.

A tradicional compreensão do pensamento geográfico por escolas nacionais aparece no verbete de Gregory *et al.* (2009) quando trata

A paisagem na obra de Lowenthal: um percurso a partir das confluências entre cultura e memória

Rafael Augusto Andrade Gomes

das abordagens culturais tradicionais e parece perder o valor na contemporaneidade, sobretudo quando da mescla dos projetos de múltiplas disciplinas, autores, teorias, métodos e temas na constituição do subcampo ou abordagem. Essa mescla e diversidade parece representar, também, uma multiplicidade de lugares e de trajetórias que ganham materialidade na produção intelectual. Vale ressaltar, no entanto, que, mesmo no caso de Carl Sauer, a complexidade de seu pensamento extrapola os limites de uma escola nacional, até mesmo por suas claras referências a Ellen Semple (1863-1932) e às suas ligações diretas com a Geografia na Alemanha.

No mesmo fio condutor do Dicionário de Geografia Humana (GREGORY *et al.*, 2009), o prefácio do Dicionário de Conceitos-Chave da Geografia Cultural (SIBLEY *et al.*, 2005) é elucidativo ao alertar sobre as dificuldades que a diversidade da Geografia Cultural impõe a qualquer definição simples dos seus domínios. Segundo os autores, as “Geografias Culturais” são demasiadamente abertas e, apesar de seu caráter de múltiplas origens disciplinares, não se reduzem somente à ciência geográfica. A denominação Geografia Cultural, para adquirir consistência, precisaria ser ampla o suficiente para abranger as mais diversas perspectivas de análise, individualizando-as de outras formas de investigação, mas restrita o necessário para não assumir quaisquer banalidades em seus domínios.

Indiretamente, Sibley *et al.* (2005) citam Denis Cosgrove, juntamente com Peter Jackson e Stephen Daniels, como geógrafos do revigoramento da Geografia Cultural no início dos anos 1980, numa abordagem marcadamente crítica, segundo a qual as espacialidades e as culturas são concebidas a partir de uma perspectiva política. Por mais que Don Mitchell (1995; 1996; 2000) faça denúncias quanto à perda da dimensão crítica que impulsionou a Geografia Cultural e sugira uma agenda de pesquisas politizada com base na compreensão da

ideia de cultura como ideologia, assim como, paralelamente, poderia ser concebida a ideia de nacionalismo. Não haveria uma entidade ontológica nacional, mas a ideia de nação e de nacionalidade serviria aos mais diversos interesses políticos; essa é uma analogia possível que se faz à compreensão de Don Mitchell (2000) da Geografia Cultural.

Posteriormente, ao longo dos anos 1990 e no início dos anos 2000, perspectivas denominadas pós-coloniais, pós-estruturais ou até mesmo feministas e marxistas aparecem congregadas no que é convencionalmente chamado de Geografia Cultural. De início, visto grosseiramente, o revigoramento da Geografia Cultural no final dos anos 1970 parece um movimento distinto dessas múltiplas investigações denominadas também pelo rótulo de Geografia Cultural. Denis Cosgrove, Peter Jackson, Stephen Daniels e James Duncan aparecem com destaque no referido revigoramento inicial, mas sua presença não parece constante no desenvolvimento posterior.

Sibley *et al.* (2005) descrevem a Geografia Cultural como uma maneira de compreender a conexão entre ideias e imaginações e o mundo material, dimensão esta que privilegia mais uma distinção metodológica do que uma compreensão de novos objetos e temas de pesquisa, por mais que uma alteração metodológica promova mudanças nos objetos contemplados para a investigação. Tal perspectiva é análoga à de Paul Claval (1997; 1999): a Geografia Cultural não corresponderia a mais um objeto da Geografia, mas, pelo contrário, seria uma nova abordagem a antigos objetos e também aos novos.

O modo de ver os fenômenos parece ser uma constante nas caracterizações da Geografia Cultural, mais do que a perspectiva de um ou outro autor. Ainda que a Escola de Berkeley esteja mais cristalizada na figura de Carl Sauer, não se pode negligenciar outras figuras dos estudos de paisagem, como as de David Lowenthal (1923-),

Donald Meinig (1924-) e mesmo Edward Relph (1944-). Não cabe aqui, segundo nossos objetivos, discutir o relativo esquecimento desses autores na compreensão da Geografia Cultural, tampouco de outra tradição cisão entre Geografia Humanista e Geografia Cultural.

Outra constante são as múltiplas formas de fazer pesquisas na perspectiva da Geografia Cultural (BLUNT *et al.*, 2003; SIBLEY *et al.*, 2005; GREGORY *et al.*, 2009), multiplicidade proporcionada pelo transbordamento das fronteiras disciplinares e, conseqüentemente, dos métodos de distintos campos de estudos culturais na ciência geográfica. Será, então, que a posição da Geografia Cultural marca a apreensão geográfica de um conjunto de conceitos de determinados campos de estudos culturais, em determinado momento e lugar, que acaba por reverberar em uma perspectiva da geografia humana significativamente distinta de outras abordagens contemporâneas?

A coletânea de Blunt *et al.* (2003) parece um importante referencial no delineamento da Geografia Cultural em termos metodológicos, pois, como destacam os próprios editores no capítulo introdutório, há uma forma de construção da pesquisa que associa métodos, fontes e temas. Mas, por mais que tal contribuição metodológica seja essencial, permanece em aberto a questão do conteúdo da Geografia Cultural. E não seremos nós a fechá-la.

O propósito deste escrito é compreender a trajetória de David Lowenthal pela paisagem e em que medida essa multiplicidade de discussões está relacionada ao desenvolvimento de um algum tipo específico de encaminhamento metodológico, conceitual e temático da geografia humana. Tim Bunnell (2013), ao discutir a negligência da paisagem urbana nas pesquisas da Geografia Cultural associada a Carl Sauer, insere a Nova Geografia Cultural em um quadro de renascimento transatlântico da Geografia Cultural na década de 1980, claramente em oposição às linhas de pesquisa da chamada Geografia

Cultural Tradicional (COSGROVE; JACKSON, 2003; DUNCAN, 1990; PRICE; LEWIS, 1993).

Assumir a Geografia Cultural como heterotopia (DUNCAN, 2000 [1994]) não significa criar um alibi para deixar de buscar outras formas de ordená-la enquanto campo de conhecimento composto por abordagens múltiplas. Não há o intuito de cristalizar o sentido da Geografia Cultural, ou das Geografias Culturais, compreendê-la em seu desenvolvimento por meio dos estudiosos que a constituíram não é o objeto desta pesquisa, ainda que possa ser um dos pontos de chegada. A compreensão da diversidade de contextos, inclusive políticos, em que alvorece a Geografia Cultural culmina na correspondente compreensão do pensamento geográfico nos momentos em que ganha legitimidade. Essa é a perspectiva assumida por Oakes & Price (2008) e parece bem coerente, pois, uma vez que contextualiza a emergência das abordagens culturais, evita que o estudo da constituição da Geografia Cultural seja uma marcha teleológica em que os aportes precoces estão constituindo uma nova abordagem ou uma Nova Geografia Cultural.

Essa genealogia transatlântica apresenta continuidades e descontinuidades (OAKES; PRICE, 2008) e Denis Cosgrove, Peter Jackson, Stephen Daniels e James Duncan, ao caracterizarem um momento da Geografia Cultural e serem evocados até hoje para constituir sua história, parece não manter um posicionamento contínuo nos delineamentos do campo da Geografia Cultural dos anos 2000 em diante.

Duncan *et al.* (2004) denominam esse momento de crítica da concepção supraorgânica de cultura na perspectiva saueriana da Geografia Cultural de Geografia Humana Radical, em que os geógrafos culturais, calcados em uma perspectiva materialista, propuseram novas compreensões e procedimentos de análise da paisagem e também construíram uma apreciação mais ampla às limitações

do economicismo da abordagem marxista (COSGROVE, 1978; COSGROVE, 1979).

Em geral, tendo como base a descrição de Roberto Lobato Corrêa (2012), a Geografia Cultural Renovada se distingue da tradicional nos seguintes pontos: i) a concepção de cultura não é mais a supraorgânica (em que a cultura é uma entidade que paira sobre os indivíduos e tem poder causativo); ela é um contexto, uma construção social elaborada e reelaborada pelos grupos sociais; ii) a diversidade metodológica, teórica e temática é ampliada na geografia cultural renovada; iii) além de analisar a estrutura, organização e constituição, a Nova Geografia Cultural também abarca a dimensão dos significados e as suas distintas interpretações; iv) uma nítida dimensão política constitui o cerne da nova geografia cultural, incluindo a leitura de paisagens dominantes e alternativas por Denis Cosgrove (2012).

Ainda que discussões sobre a inserção de David Lowenthal na história da geografia cultural ou no movimento de renovação da geografia cultural sejam pertinentes, o objetivo deste artigo é compreender, com base na figura deste geógrafo e de parte de sua trajetória com Carl Sauer e os geógrafos considerados renovadores da geografia cultural, que “nunca houve um afastamento efetivo da geografia cultural [em relação à geografia humanista], mas uma procura em se distinguir dos que se utilizavam do positivismo como método” (HOLZER, 2012, p. 175). Tendo em conta tal elemento, uma história da geografia cultural não pode negligenciar as contribuições de David Lowenthal, de outros geógrafos humanistas e, até mesmo, da percepção ambiental no movimento de renovação teórico-metodológica da geografia humana a partir dos anos de 1960.

LOWENTHAL: CAMINHOS PELA PAISAGEM

Talvez um dos artigos mais conhecidos de David Lowenthal no Brasil, o texto intitulado “Geography, experience and imagination: towards

a geographical epistemology” (LOWENTHAL, 1961), que conta com uma tradução para o português (LOWENTHAL, 1982a) publicada em uma das escassas coletâneas de traduções de textos clássicos no país, já faz referência a uma das preocupações de David Lowenthal no trato da paisagem em seus trabalhos: as relações entre as imagens da nossa cabeça e o mundo exterior. Em outras palavras, trata-se das relações entre a materialidade e a construção intelectual, base das reflexões a partir das quais é possível delinear uma conexão entre paisagem e epistemologia do conhecimento geográfico.

Tal interseção entre as imagens da cabeça e o mundo exterior também figura em uma contribuição de Meinig (2002). Além do brilhante e incansavelmente citado trecho de Meinig, no qual o autor destaca que “qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes” (2002, p. 35), destaca-se o imperativo do ordenamento e da coerência em sua concepção de paisagem. Sendo assim, o autor constrói uma narrativa de dez versões da mesma cena e, apesar de não se posicionar no âmbito de nenhuma delas, nem mesmo limitar o número de versões a dez, um traço de sua compreensão da paisagem reside na estruturação da cena segundo um corpo coerente de ideias. Composição e ordem dos elementos: estes parecem ser os balizadores de Meinig na breve discussão das ideias que organizam o conjunto de elementos.

Além de Meinig (2002), John Brinckerhoff Jackson (1909-1996), em leitura de Besse (2014), e o próprio Lowenthal (1982a) discutem a paisagem enquanto princípio de ordenamento e organização espacial. A exasperada questão que assolou a geografia cultural, pelo menos como ela vem sendo escrita, trata dos elementos que comporiam a análise da paisagem. Quais formas? E os significados? Segundo quais parâmetros de análise? Um exemplo na França é o geógrafo Vidal

de la Blache ([1908] 2012), para quem o princípio de classificação e ordenamento dos tipos de povoamento é o gênero de vida; o ser humano e suas obras, pela influência “sobre si mesmo e o mundo vivente” (LA BLACHE, 2012, p. 128), também são partes essenciais da paisagem.

Os artigos abordados de David Lowenthal e Hugh Prince (1964; 1965) e somente de David Lowenthal (1961; 1968; 1975; 1977; 1982b; 1991; 1999; 2007; 2013), segundo os termos anteriormente destacados, constituem uma trajetória de pesquisa dos anos 1960 aos 2000. Justifica-se a seleção dos artigos por dois motivos: a centralidade da paisagem nas reflexões empreendidas pelo autor; e, em segundo lugar, a data das publicações, pois o chamado movimento de renovação da geografia cultural é comumente delimitado em meados dos anos 1970. Cabe justificar, em outro sentido, que o objetivo deste trabalho não é discorrer sobre o conteúdo específico de cada um dos artigos, por mais que ilustrações de caráter exemplar possam ser citadas ao longo do texto.

Antes de mais nada, cabe dizer que Lowenthal (1961), em sua análise epistemológica da Geografia, não se atém ao que os metodologistas pensam e dizem sobre os modos como a Geografia deveria proceder. Para tais metodologistas, tendo como referência Richard Hartshorne (1939), os estudos se restringiam ao desenvolvimento lógico e à análise dos procedimentos da geografia como uma disciplina científica. Segundo Lowenthal (1961), o universo do pensamento geográfico não está necessariamente restrito aos procedimentos da ciência, ou seja, a mudança epistemológica também contribui para explicar transformações lógicas e procedimentais da ciência.

Trata-se de um estudo da maneira como a geografia varia entre indivíduo e grupos, relacionada a toda a dimensão do pensamento geográfico e nas maneiras como o conhecimento “é adquirido,

transmitido, alterado e integrado em sistemas conceituais” (LOWENTHAL, 1982a, p. 104). É interessante notar que, nesse ponto, com posições radicalmente distintas, Lowenthal (1961) critica a compreensão de ciência de Richard Hartshorne (1899-1992), assim como o fez Fred Schaefer (1955) alguns anos antes, para quem a explicação histórica do campo desenvolvida não é necessariamente um estudo metodológico.

Lowenthal (1982a), portanto, atribui o seu estudo àquilo que John Wright (1947) chamou de geosofia: as concepções geográficas na cabeça das pessoas, não somente de geógrafos, mas também na literatura e na arte. Nessa esteira, a paisagem e os conceitos geográficos expressam uma compreensão geográfica, ou seja, o exame da relação entre as formas e os conteúdos do homem e do mundo ao seu redor, o sujeito e sua experiência do ambiente.

Seguindo esse ponto de vista de Lowenthal (1961), que tem sua raiz na ruptura da dicotomia entre a imagem mental e o mundo exterior, cabe destacar a crítica de Nicolás Cantero (2006) e Minca (2007) a determinados círculos de geógrafos da chamada Nova Geografia Cultural que concebem a paisagem como uma imagem cultural, uma mera representação, uma forma de ver e ordenar a simbolização do ambiente. Cantero (2006) e Minca (2007), recorrendo à tradição paisagística moderna, assinalam a importância de uma compreensão menos restritiva do que a paisagem como “texto ou imagem cultural”, ou mesmo da paisagem como “realidade construída”. Praticamente quinze anos antes da renovação da geografia cultural, portanto, a própria dimensão estritamente material da análise paisagística [um dos pilares da crítica à morfologia da paisagem saueriana (COSGROVE; JACKSON, 2003; COSGROVE, 2003) é colocada em questão por David Lowenthal.

A paisagem na obra de Lowenthal: um percurso a partir das confluências entre cultura e memória

Rafael Augusto Andrade Gomes

O passado é um fio condutor da proposta epistemológica de David Lowenthal (HOLZER, 2005, p. 29), incluindo a paisagem, que também tem uma história própria de sua sucessão. Segundo Holzer (2005), são quase quinze anos de pesquisas dedicados à fundamentação de uma proposta epistemológica alicerçada na experiência e no passado. No artigo “The English Landscape” (LOWENTHAL; PRINCE, 1964), os autores se questionam sobre as qualidades visuais da paisagem inglesa. Como o inglês enxerga a paisagem? O que os ingleses veem ou desejam ver? As respostas para tais questionamentos estão assentadas na compreensão do que está presente, a história, a característica dos indivíduos e como eles estabelecem relações com os arredores.

Em Lowenthal e Prince (1964), uma série de elementos resumem as relações entre os ingleses e a paisagem; os autores tratam de aspectos físicos, do caráter público ou privado da terra e das predileções inglesas que moldam um cenário predominante no país. A variedade de paisagens constitui um dos elementos físicos privilegiados, refletindo a própria diversidade espacial inglesa, o que modula um cenário de transições bruscas entre uma paisagem e outra. Por outro lado, não somente a diversidade geológica é considerada: uma vez que as mudanças no uso da terra revelam um palimpsesto cultural e histórico, a paisagem do contraste cultural é distintiva também de mudanças históricas. Em toda parte da Inglaterra, segundo os autores, há lugares com significados próprios e que evocam sentimentos de pertença e conexão com um tempo e lugar específicos, além de uma ordem social correspondente a esse tempo e lugar.

A paisagem contém traços particulares, peculiaridades culturais e históricas. Os traços da paisagem, portanto, são também residuais, evocativos de tempos outros. Cabe notar, ainda, que nem mesmo a industrialização e a decorrente circulação de objetos e ideias fizeram com que a Inglaterra se homogeneizasse – em termos de materiais

e formas da construção, da vida material em geral e do senso de localidade que caracteriza as comunidades que não são extintas. Surge, então, um contraponto a um traço central da crítica à geografia cultural saueriana, feita pela nova geografia cultural, de que a tradição da geografia cultural tem com campo de análise paisagens rurais. A monotonia existe na paisagem inglesa, mas não aparece como condição *a priori* de áreas urbanas ou rurais (LOWENTHAL; PRICE, 1964).

Alguns anos antes, Lowenthal (1961) destacava a necessidade de compreender formas gerais sobre o caráter do mundo e da forma como este é ordenado, uma dessas formas ganha síntese nos termos: das relações entre figura e fundo, do posicionamento distinto de objetos na superfície, textura e aparência dos elementos físicos, da transição entre dia e noite (LOWENTHAL, 1982a, p. 107).

Na análise da paisagem inglesa, Lowenthal e Prince (1964) destacam elementos como a escala e a abertura da cena, que podem ser consideradas formas gerais de experiência da paisagem. A paisagem inglesa seria caracterizada pelo contraste cênico, por sua contiguidade e pelos contrastes gerados pelas transições de cenas que são agravadas pela forma das estradas, muros, telhados e outros elementos de separação. O próprio exemplo do céu e da atmosfera como elemento de contiguidade da paisagem é essencial para destacar a importância de elementos materiais na composição e organização da paisagem; o ordenamento da paisagem não é somente uma imagem mental, mas também um produto da experiência. Então, não há o privilégio de características físicas, mas a compreensão destas como elementos da percepção e da experiência de indivíduos e grupos culturais.

Lowenthal e Prince (1964) ressaltam, ainda, a dificuldade de generalizar atitudes nacionais em relação à paisagem no âmbito de um país com distinções de classe tão pronunciadas, pois, ainda que

A paisagem na obra de Lowenthal: um percurso a partir das confluências entre cultura e memória

Rafael Augusto Andrade Gomes

a composição da paisagem inglesa seja semelhante em toda parte [áreas de campos, delimitações de campos com muros, vilas, áreas suburbanas, distritos industriais, parques e áreas balneárias] e que a ordenação humana e a limpeza sejam características central da cena, muitos daqueles que se preocupam com a composição são proprietários da terra. A natureza não seria somente para ser olhada, ela deveria ser trabalhada, “geografada”, no sentido mais literal a que a etimologia da palavra nos remete. Daí resultaria a quantidade de tempo que o inglês consome ao ar livre: o gosto pelo ar livre representa também uma condição da propriedade e apropriação da terra.

Qual o ponto de chegada da paisagem inglesa? Lowenthal e Prince (1964) resumem pelo termo **comodidade**. As relações entre ingleses e paisagem, nos termos que optamos por utilizar e não nos termos dos autores, ganham síntese em uma bela reflexão sobre os espaços públicos de parques ingleses. O prazer do encontro público, transcendente a qualquer dimensão econômica, congrega dimensões públicas, privadas, locais e nacionais (LOWENTHAL; PRINCE, 1964). Há, ainda segundo os autores, lugar para artefatos humanos na paisagem, desde que estes estejam em conformidade com valores do passado; esta é uma moralidade da paisagem semelhante àquela analisada por John Ruskin (COSGROVE, 1989), em que a cor, forma e textura dos elementos humanos devem seguir uma lógica divina que preside a estética da paisagem.

Dois argumentos gerais de Lowenthal (1982a) oferecem a compreensão de que a paisagem não é uma condição visual, mas decorrente da experiência. O primeiro deles é a quantidade de informações oferecidas pelo ambiente e a capacidade limitada de apreensão dos indivíduos; em segundo lugar, o sentido concreto do ambiente depende da articulação dos sentidos na apreensão de um ambiente que não representa apenas o presente. Diante disso, em

outro texto escrito com Hugh Prince (1928-2013) e publicado em 1965, “English Landscape Tastes” (LOWENTHAL; PRINCE, 1965), os autores destacam que as paisagens são constituídas pela forma como as pessoas veem o terreno por meio de filtros tradicionais e preferidos. Haveria na paisagem inglesa, como na paisagem de qualquer grupo cultural, uma sucessão de imagens idealizadas e de preconceitos.

No entanto, o que nos importa mais aqui é uma breve nota metodológica dos autores no início do texto. Lowenthal e Prince (1965), aparentemente em um texto complementar ao do ano anterior (LOWENTHAL; PRINCE, 1964), a descrição dos gostos do povo inglês e sua relação com a paisagem não corresponderia necessariamente aos valores representativos de todos os ingleses. Pelo contrário, os autores enfatizam os dados materiais privilegiados e os pontos de vista abarcados pela investigação que propunham no artigo, entre eles a arte e a literatura, discursos e audiências públicas, além de artigos de jornal. Esse traço é essencial, pois a paisagem no texto (COSGROVE; DANIELS, 1988; DUNCAN, 1990) e a incorporação da literatura como material para análise geográfica (BROSSEAU, 2007) alvorecem como traços distintivos da nova geografia cultural. Questionamo-nos, então, sobre como ocorreu a incorporação desses traços pela geografia cultural.

Bucólico, pitoresco, arrumado e limpo, estes aspectos gerais caracterizam os gostos ingleses da paisagem nas fontes consideradas por Lowenthal e Prince (1965). Apesar disso, a posição distintivamente inglesa, segundo os autores, concerne ao hábito de ver as paisagens conforme as suas conexões com a história – conexões estas inventadas, construídas, presumidas e inferidas. Diferentemente da cena americana (LOWENTHAL, 1968; LOWENTHAL, 1977), o fluxo da história deve compor a paisagem inglesa não somente em termos

de celebração da vitória, já que o julgamento estético não representa essencialmente a valorização das vitórias passadas.

O valor dos objetos da paisagem inglesa está em suas associações com a história por meio de eventos e pessoas; há uma desfuncionalização das relíquias que ligam as paisagens inglesas a uma história, uma narrativa. Segundo Lowenthal e Prince (1965), os textos chegam a ter mais importância do que as imagens. A própria ideia de patrimônio aparece como ícone das relações entre paisagem e história na composição de uma identidade cultural, ao mesmo tempo em que reflete uma reconstrução e invenção do passado, ideia explicitamente discutida por Lowenthal (1991), em que a paisagem inglesa é compreendida como legado da cultura inglesa da necessidade de ordenamento do ambiente. Texto e contexto, documento e monumento, paisagem e memória, várias são as associações possíveis que, no pensamento do geógrafo David Lowenthal, constituem uma compreensão de geografia histórica e cultural.

A paisagem como patrimônio aparece brevemente em “Living with and looking at landscape” (LOWENTHAL, 2007). Apesar de sua efemeridade, a paisagem inspira formas de aprender e fazer e se constitui a partir do lugar onde fazemos nossas casas, trabalhamos, vivemos nossas vidas e sonhamos. Tendo em conta tais elementos, a paisagem é o resultado concreto da experiência [coletiva e individual] do ambiente, experiência que se constitui segundo gostos da paisagem (LOWENTHAL, 1965; LOWENTHAL, 2007) de uma época e lugar específicos. Em uma análise do hino nacional da Inglaterra (LOWENTHAL, 2007), o autor aponta a forma como as paisagens excepcionais e representativas se tornam heranças coletivas e corroboram com a expansão do patrimonialismo.

As paisagens, como elementos indissociáveis da história, estão em fluxo contínuo e são moldadas para atender aos gostos dos grupos

culturais; a essa modulação, os próprios grupos imprimem marcas sobre as paisagens. Não há como separar a paisagem, previamente, daqueles que a ordenam. Em “The Bicentennial landscape: a mirror held up to the past”, Lowenthal (1977) faz uma análise comparativa das mudanças de atitudes dos americanos em relação aos artefatos e às paisagens, com um recorte temporal que contempla dois momentos específicos, o centenário e o bicentenário de independência dos Estados Unidos. Celebração do passado e contestação do presente caracterizam esses dois momentos.

O passado é, também, invenção e recriação da tradição, geralmente uma crônica da grandeza nacional (LOWENTHAL, 1977). Quando Lowenthal faz a comparação entre as manifestações do centenário e bicentenário da independência dos Estados Unidos, três maneiras de celebração do passado são ressaltadas: reencenação de eventos passados, objetos tangíveis em cena [edifícios e artefatos] que remetem a alguma tradição e, finalmente, as palavras e *slogans* como forma de afirmação simbólica de um período de ouro em contraste com a decadência. Todos esses elementos, posteriormente, seriam concebidos como objetos de pesquisa da Nova Geografia Cultural e de textos influentes nessa abordagem: itinerários simbólicos de eventos passados, análise geográfica de monumentos históricos (HARVEY, 1979) e também as chamadas paisagens de simulação.

Em outros dois artigos – “The American Scene” (1968) e “The Landscape Pioneer: An American Dream” (1982b) –, Lowenthal também discorre sobre a constituição das paisagens a partir de gostos da paisagem. Adicionalmente aos artigos escritos em coautoria com Hugh Prince sobre a Inglaterra, estes dois artigos sobre os Estados Unidos são constituídos comparativamente aos gostos ingleses da paisagem. O texto “The American Scene” é peculiar e sua estrutura parece traçar paralelos entre a terra, o homem e o homem na terra.

Em primeiro lugar, o tamanho e a ampla escala da paisagem abririam caminho ao culto da grandeza: para o país das maiores árvores e montanhas, nada melhor do que a construção dos maiores arranha-céus; as pessoas são diminutas e aspectos temporários da cena; e, por fim, as estruturas humanas espelhariam a natureza na medida em que os próprios limites construídos seriam manchados e difusos.

Qual a importância dessas considerações? É essencial destacar que o modo de vida e a relação com o ambiente contribuem para a composição das visões da paisagem. Portanto, o planejamento e o projeto devem considerar seriamente o conhecimento dos gostos da paisagem (LOWENTHAL, 1968), o modo como as pessoas sentem, pensam e agem em relação ao ambiente. Esse modo varia com o tempo, distingue-se entre grupos culturais, varia conforme a classe social e, finalmente, também se distorce conforme a apreensão pessoal do ambiente – as geografias pessoais. A preservação de áreas com valor histórico-patrimonial (LOWENTHAL, 1982b) e também aquelas de interesse ecológico (LOWENTHAL, 2013) não são condições extemporâneas e estão associadas a valores culturais e morais de grupos em lugares e momentos específicos.

No artigo “Past time, present place: landscape and memory” (LOWENTHAL, 1975) aparecem, explicitamente, as articulações entre a paisagem [como legado] e as formas de uso e compreensão do passado pelos grupos culturais na configuração das cenas. Segundo o autor, o passado é fundamental para que percebamos os sentidos dos padrões e feições da paisagem, pois o passado é o que constitui a familiaridade com o modo como se apresentam as paisagens. A familiaridade com os padrões da paisagem não são condições somente do presente; ao vermos algo, vemos, simultaneamente, como ela é e como nós a víamos antes. Experiências anteriores, por meio de diversos meios [livros, contos, fotografias, obras de arte], contribuem para a

constituição da experiência do presente nos lugares. Cada cena é um objeto de história, mas o passado não é somente uma lembrança da visão, representando, também, a forma como lemos e ouvimos sobre os objetos que constituem as paisagens que criamos.

Não somente em “Past time, present place” (LOWENTHAL, 1975), mas ainda em outros artigos, Lowenthal (1999; 2007; 2013) atenta para a nostalgia como apenas uma face da moeda no sentido das ligações da paisagem com o passado. A paisagem é, então, um estímulo e veículo para a preservação e visualização do passado tangível. Nesse sentido, as relíquias na paisagem têm a capacidade de veicular valores, incluindo os patrióticos, e sua veracidade histórica ou funcional é negligenciada; os objetos históricos da cena devem convencer e sugerir a sua articulação com eventos históricos, mas não necessariamente precisam ser objetos legítimos. A nostalgia das relações ecológicas do ser humano com a natureza, muitas vezes, é fruto de uma leitura “inventada” de um período em que cultura e natureza não se contrapunham.

A nostalgia representa um ato de negação seletiva de cenas e eventos passados, o que nos leva a compreender as paisagens do presente como resultado do presente e do passado que a constituem como tal. A memória é um organizador da consciência (LOWENTHAL, 1975), ela não é ilegítima por ser ideológica. Pelo contrário, o caráter flexível e alterável da memória garante a realidade do presente e a projeção, pelos diferentes grupos culturais, das perspectivas do futuro.

Em “From landscapes of the future to landscapes of past”, Lowenthal (1999) tem o objetivo de discutir as mudanças na paisagem em termos de visão de arte, religião, natureza e humanidade. É importante destacar que as paisagens encarnam, segundo o autor, esperanças e medos da humanidade. Desde o humanismo renascentista até a contemporaneidade, há uma variação na estética ao longo do tempo.

O que antes era a admiração da natureza domada e ordenada pela humanidade que se posicionava centro do **cosmos**, hoje representa a degradação e a nostalgia do rural como redenção para os problemas ecológicos.

Com base em Lowenthal (1999), fica clara a apropriação criativa de George Perkins Marsh (1801-1882), pois, diante do impacto humano no ambiente, impõe-se a necessidade de medidas para a administração dos recursos físicos em longo prazo. No entanto, uma compreensão que poderia deslizar para uma dicotomia entre história [instável e humana] e ecologia [estável e biológica] é analisada de forma perspicaz por Lowenthal (1999). Se paisagem e memória constituem um par indissolúvel, a disjunção entre ecologia e história é pouco compreensível, uma vez que cada paisagem é constituída, em parte, pela história. O autor sugere a reavaliação da finalidade da conservação ambiental frente à efemeridade dos materiais e à irreversibilidade da história. Então, para Lowenthal

It is better to bequeath our successors institutions in good working order, memories of skills and processes, the flexible habits of mind needed to negotiate the ever-changing, unknowable flux of nature and culture. The future lies more with such mental vistas than with canonical scenes of relics and traces (LOWENTHAL, 1999, p. 143).²

Imagens e cenas, segundo Lowenthal (1975), também remodelam a memória na mesma medida em que são constituídas por leituras, objetos e resíduos de outros tempos. A reconstrução histórica, desenvolvida em muitos textos por Lowenthal, como pode ser feita

² Tradução livre: É melhor legar aos nossos sucessores instituições em bom estado de funcionamento, memórias de habilidades e processos, os hábitos da mente flexíveis que são necessários para negociar a mudança constante, o incognoscível fluxo da natureza e da cultura. O futuro está mais na direção de tais visões mentais do que em cenas canônicas de relíquias e vestígios.

com base em diferentes fontes [livros, fotografias, arte], não é somente uma narrativa da memória, mas uma forma de inventar e recriar cenas novas do passado.

Afinal, como destacou Lowenthal (1982a, p. 123), “não é possível uma perfeita ajustagem entre o mundo exterior e as nossas ideias sobre ele”, pois isso comprometeria nossa própria capacidade de responder subitamente às mudanças drásticas do ambiente. Ainda que os seres humanos tenham uma base comum na percepção, as visões particulares do mundo, que são culturalmente condicionadas, representam uma forma de expressão das maneiras específicas de reagir ao meio ambiente. Não cabe dizer, portanto, que David Lowenthal é atento somente às dimensões ecológicas da paisagem, tampouco que suas análises sejam comprometidas somente com os aspectos materiais da paisagem cultural.

“A percepção das formas é culturalmente condicionada”, pondera Lowenthal (1982a, p. 126), para quem não há classificação morfológica que seja, em si, despida de taxonomias culturalmente condicionadas, incluindo a estrutura linguística dos grupos que experienciam a paisagem e reagem ao ambiente. No âmbito dos grupos, não há como desconsiderar subgrupos e categorias [profissionais, religiosas] que também reagem às influências do mundo e “contempla[m] as paisagens com suas imagens particulares” (LOWENTHAL, 1982a, p. 135). Como considera Lowenthal, a paisagem é um sistema mnemônico, que se constitui pela sequência temporal de ideais de um grupo sobre sua inserção no mundo.

NOTAS SOBRE LOWENTHAL E A GEOGRAFIA CULTURAL

Como caracteriza Holzer (1992; 2005), David Lowenthal é um dos principais idealizadores da Geografia Cultural-Humanista e sua obra,

que se consolida nos idos de 1960 e se estende aos dias atuais, ocupa posição central no movimento de renovação da geografia humana, com um forte intercâmbio com a Geografia Cultural. Para os propósitos do presente artigo, cabe destacar dois elementos essenciais de seu percurso acadêmico³: i) David Lowenthal foi orientado no doutorado por Carl Sauer, tendo defendido a tese em Wisconsin; ii) Denis Cosgrove, um dos geógrafos considerados como precursores da nova geografia cultural, tinha David Lowenthal na sua banca de doutoramento em 1976 e a dedicou, quando publicada em formato de livro (COSGROVE, 1993), ao próprio Lowenthal.

O Simpósio sobre Percepção Ambiental e Comportamento – realizado durante o 61º Encontro Anual da Associação de Geógrafos Americanos (1965) – foi um marco para a apropriação do tema da percepção ambiental na ciência geográfica (HOLZER, 1992) e David Lowenthal foi um de seus organizadores. Segundo Holzer (1992), citando Lowenthal, o simpósio seria estruturado com base em três eixos: natureza do ambiente, o que pensamos e sentimos sobre o ambiente e como nos comportamos ou alteramos o ambiente. Tais estudos de percepção ambiental representavam uma apreensão dos debates teóricos na psicologia acerca das limitações do behaviorismo. O arquiteto Amos Rapoport (1978) sintetiza bem a repercussão da percepção ambiental na arquitetura e, em alguma medida, também na geografia

La organización del medio ambiente depende, pues, al menos en parte, de las imágenes de lo que es un medio ideal bueno o malo; o sea de lo que una ciudad es y puede llegar a ser. Estudiando las imágenes, sus significados y sus estructuras, pueden analizarse las diferencias entre grupos sociales, entre diferentes teorías de planificación o entre los diferentes métodos y tipos de diseño y

³ Uma descrição mais minuciosa da trajetória biográfica de Lowenthal é feita por Holzer (1992; 2005).

conocerse la naturaliza de las ciudades, así como el significado latente de las actividades (RAPOPORT, 1978, p. 60).⁴

Cabe notar, ainda, que um dos autores citados por Rapoport (1978) é o geógrafo James Duncan, apontado frequentemente como um dos renovadores da Geografia Cultural, tendo escrito um texto, no ano de 1980, extremamente crítico à concepção de cultura supraorgânica de Carl Sauer (1889-1975). Em linhas gerais, para Duncan (2003), a explicação corrente na Geografia Cultural saueriana reificaria o conceito de cultura e esse movimento atribuiria ao conceito *status* ontológico e poder causativo. Portanto, a cultura seria uma entidade supra-orgânica que, ao pairar em um nível superior aos indivíduos, explicaria os fenômenos; a atribuição de *status* ontológico, por outro lado, atribuiria substância às construções conceituais e reverberaria em sua eficácia causal nas explicações científicas.

Não cabe aqui entrar nos detalhes da caracterização da geografia cultural e das contendas que a estimularam, mas apenas apontar que, por uma via indireta, o movimento de estudo da percepção ambiental do qual participava David Lowenthal, encarnado em figuras como Amos Rapoport (1929-), possuía laços teóricos com geógrafos posteriormente rotulados como “novos geógrafos culturais”. E, por outro lado, Daniels foi aluno de Hugh Prince e David Lowenthal na University of London (OLWIG, 2003). Isso evidencia que três dos geógrafos consagrados como renovadores da Geografia Cultural saueriana possuem intrecruzamentos de trajetórias com David Lowenthal.

⁴ Tradução livre: A organização do meio ambiente depende, pois, ao menos em parte, das imagens do que é um meio ideal bom ou ruim; o que é uma cidade e o que ela pode chegar a ser. Estudando as imagens, seus significados e suas estruturas, podem ser analisadas as diferenças entre grupos sociais, entre diferentes teorias de planejamento ou entre os diferentes métodos e tipos de desenho e conhecer a natureza das cidades, assim como o significado latente das atividades.

Olwig (2003) descreve a trajetória de David Lowenthal como essencial para o seu posicionamento entre Carl Sauer e Richard Hartshorne, o primeiro que o orientara em Berkeley e o segundo com o qual ele trabalhara em Madison, onde concluiu o seu doutorado em história sobre George Perkins Marsh. Inclusive, nos termos que discutimos até agora, Olwig (2003) compreende David Lowenthal como um geógrafo que transcendeu os debates Sauer-Hartshorne em torno da paisagem e que abriu os caminhos para novas compreensões da paisagem na ciência geográfica.

Entre estas novas compreensões da paisagem, estão aquelas de Denis Cosgrove (1984), de Cosgrove e Daniels (1988) e, em alguma medida, também a de James Duncan (1990), principalmente quando ele discute a paisagem como um sistema de criação de signos. Para Olwig (2003), a inspiração de todos esses autores, posteriormente compreendidos como renovadores da Geografia Cultural gestada a partir da tradição saueriana, deve ser vinculada à intervenção de David Lowenthal e de sua resposta no que tange à crítica de Richard Hartshorne (1939) sobre a fluidez linguística e fragilidade conceitual dos termos *landscape* e *landschaft*. Para Hartshorne (1939), haveria a dificuldade de conceber a paisagem em si como cenário ou como uma área da superfície terrestre.

Conforme destacam Olwig (2003) e Holzer (2005), as contribuições de Lowenthal à compreensão da paisagem na geografia representam um percurso entre história, cultura e ambiente. O parágrafo final de Sauer (2012) na *Morfologia da Paisagem* parece evidenciar um dos caminhos indicados pelo antigo orientador de Lowenthal

Esse contato do homem com seu lar mutável, como é expresso por meio da paisagem cultural, é o nosso campo de trabalho. Preocupamo-nos com a importância do sítio em relação ao homem e com a transformação desse sítio. Ao mesmo tempo,

lidamos com a inter-relação do grupo, ou culturas, e sítio, como expresso nas várias paisagens do mundo (SAUER, 2012 [1925], p. 215).

Posteriormente, Sauer (1941) discute a importância da história na reconstrução das paisagens e sua associação aos valores e hábitos de grupos culturais em relação ao ambiente. A morfologia da paisagem constitui procedimento central, ainda que a consideração ao processo de construção da paisagem contribua na organização da percepção geográfica da relação dos fenômenos em área, conforme preconizado na *Morfologia da Paisagem* (2012 [1925]). David Lowenthal, ao considerar as relações entre o ser humano, o grupo e o ambiente na constituição da paisagem, sintetiza uma continuidade criativa de elementos preconizados por Carl Sauer: a dimensão temporal, o ambiente e o ser humano. Na trajetória de David Lowenthal, o interesse por esses elementos o tornou um biógrafo de George Perkins Marsh, que também utilizava a história como recurso para retomar, desde o Império Romano, como a percepção e a modificação do ambiente estavam imbricadas.

Em David Lowenthal, ao longo de muitos de seus textos, a preocupação não era a definição da paisagem em si, mas como a paisagem era conhecida e a maneira pela qual essa percepção influenciaria no modo como os sujeitos e grupos culturais lidam com os seus arredores. A máxima esboçada no "Geography, Experience and Imagination" (LOWENTHAL, 1961), discutida a partir da *Terrae Incognitae* de John Wright à qual nos referimos anteriormente, versa sobre a relação entre o mundo exterior e as imagens da nossa mente. Não há como definir uma estética ideal da paisagem e todo o esforço de Lowenthal, como apontam Olwig (2003) e Holzer (2005), foi empreendido na investigação empírica das relações entre estéticas da paisagem e grupos culturais ao longo da história.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nas recorrentes narrativas da renovação da geografia cultural, percebe-se um salto da perspectiva material da paisagem saueriana à perspectiva da imagem mental e representação pictórica em geógrafos como Denis Cosgrove, James Duncan, Peter Jackson e Stephen Daniels. Conforme destacado, não nos preocupamos com uma reescrita da geografia cultural após a inserção de mais um geógrafo. No entanto, coadunando com Olwig (2003) e também com Holzer (1992; 2012), os entrecruzamentos da chamada geografia cultural renovada e da geografia humanista não podem ser negligenciados na tradição historiográfica dedicada a ambas as abordagens. Não se deseja obscurecer diferenças teóricas, metodológicas e filosóficas entre as duas abordagens, mas a independência das referidas abordagens não exclui as sobreposições históricas de suas trajetórias compostas por seres humanos.

Compreender que David Lowenthal adianta, com base numa compreensão histórica e ambiental da paisagem, muitos dos elementos apontados como constituintes da nova geografia cultural não têm mais ou menos importância do que compreender que Stephen Daniels, James Duncan e Denis Cosgrove compunham uma ambiência intelectual propícia aos movimentos de renovação da geografia humana nos anos 1970. Como marca da trajetória intelectual de Denis Cosgrove, apontou-se a centralidade de David Lowenthal, a quem, vale reiterar, Cosgrove dedicou seu livro decorrente da tese de doutorado. Por outro lado, a imagem de Hugh Prince, conhecido principalmente por seus textos colaborativos com Lowenthal sobre a paisagem inglesa, não reduz a importância de que Stephen Daniels o tenha conhecido e entrado em contato com um conjunto de ideias de um momento e lugar específicos.

Dessa maneira, indícios de encontros intelectuais [como os citados acima], de citações [como no caso de Rapoport (1978) ao citar James Duncan e seu texto sobre o gosto da paisagem como símbolo da identidade de grupo (DUNCAN, 1973)] e da análise do conteúdo de artigos de David Lowenthal indicam frutuosas relações entre geógrafos para a compreensão da história de uma abordagem específica do pensamento geográfico. Os textos de David Lowenthal não parecem sugerir a paisagem como um elemento fixo, nem a cultura como uma entidade extrínseca aos valores dos sujeitos em sua relação com o ambiente. A escrita da história do pensamento geográfico não demanda, primariamente, a exclusão de autores, pois, como representa uma forma de reconstruir o desenvolvimento do campo, o percurso poderá ser reinventado de diversas maneiras. Cabe ressaltar que uma reconstrução coerente necessita de argumentos teórico-metodológicos fundamentados na bibliografia e materiais, como é o caso dos encontros e citações. A dificuldade reside justamente na elaboração de uma reconstrução que não seja nem restritiva nem aberta em demasia. ☉

REFERÊNCIAS

- BESSE, Jean-Marc. As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas. In: _____. **O gosto do mundo**. Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 11-66.
- BLUNT, Alison; GRUFFUDD, Pyrs; MAY, Jon; OGBORN, Miles; PINDER, David (Ed.). **Cultural Geography in Practice**. Londres: Arnold, 2003.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 17-78.

BUNNELL, Tim. Urban landscapes. In: JOHNSON, Nuala; SCHEIN, Richard; WINDERS, Jamie (Ed.). **Companion to Cultural Geography**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.

CANTERO, Nicolás Ortega. Entre la explicación y la comprensión: el concepto de paisaje em la geografia moderna. In: MADERUELO, Javier (Org.). **Paisaje y pensamiento**. Madrid: Fundación Beulas, CDAN, 2006, p. 107-130.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo Cesar da Costa (Org.). **Explorações Geográficas** - percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 89-117.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Uma Antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 87-105.

COSGROVE, Denis. Place, Landscape and the Dialectics of Cultural Geography. **Canadian Geographer**, v. 22, n. 1, 1978.

_____. John Ruskin and the Geographical Imagination. **Geographical Review**, v. 69, n. 4, 1979.

_____. The Myth and the Stones of Venice: An Historical Geography of a Symbolic Landscape. **Journal of Historical Geography**, v. 8, n. 2, p. 145-169, 1982.

_____. **Social formation and symbolic landscape**. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1984.

_____.; DANIELS, Stephen (Ed.). **The Iconography of Landscape: Essays on the Symbolic Representation, Design and use of past environments**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. **The Palladian Landscape: Geographical Change and its Cultural Representations in Sixteenth Century Italy**, Leicester: Leicester University Press, 1993.

_____. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: problemas de teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 103-134.

_____.; JACKSON, Peter. Novos rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, p. 135-146.

_____. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Uma Antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 219-238.

DUNCAN, James. Após a Guerra Civil: Construindo a Geografia Cultural como Heterotopia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Um Século (2)**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2000.

_____. Landscape Taste as a Symbol of Group Identity: A Westchester County Village. **Geographical Review**, v. 63, n. 3, p. 334-355, 1973.

_____. **The City as Text: The Politics of Landscape Interpretation in the Kandy Kingdom**. Nova York: Cambridge University Press, 1990.

_____. O Supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 63-102.

_____.; JOHNSON, Nuala; SCHEIN, Richard (Ed.). **A companion to cultural geography**. Oxford: Blackwell, 2004.

GREGORY, Derek; JOHNSTON, Ron; PRATT, Geraldine; WATTS, Michael; WHATMORE, Sarah (Ed.). **The dictionary of human geography**. 5ª ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

HARTSHORNE, Richard. **The nature of geography**. A critical survey of current thought in the light of the past. University of Minnesota Press, 1939.

HARVEY, David. Monument and Myth. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 69, n. 3, p. 362-381, 1979.

HOLZER, Werther. A Geografia Cultural e a História: uma leitura a partir da obra de Lowenthal. **Espaço e Cultura** (UERJ), Rio de Janeiro, p. 32-47, 2005.

_____. **A geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

_____. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Uma Antologia** (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 165-178.

LA BLACHE, Vidal de. Da interpretação geográfica das paisagens. In: HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sergio Nunes; RIBEIRO, Guilherme (Org.). **Vidal, Vidais**. Textos de Geografia Humana, Regional e Política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 125-130.

LOWENTHAL, David; PRINCE, Hugh. The English Landscape. **Geographical Review**, v. 54, n. 3, p. 309-346, 1964.

_____.; PRINCE, Hugh. The English Landscape Tastes. **Geographical Review**, v. 55, n. 2, p. 186-222, 1965.

_____. Geography, Experience, and Imagination: Towards a Geographical Epistemology. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 51, n. 3, p. 241-260, 1961.

_____. The American Scene. **Geographical Review**, v. 58, n. 1, p. 61-88, 1968.

_____. Past time, present place: Landscape and Memory. **Geographical Review**, v. 65, n. 1, p. 1-36, 1975.

_____. The Bicentennial Landscape: A Mirror Held Up to the past. **The Geographical Review**, v. 67, n. 1, p. 253-267, 1977.

_____. Geografia, experiência e Imaginação: Em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982a, p. 103-141.

_____. The Pioneer Landscape: An American Dream. **Great Plains Quarterly**, v. 2, n. 1, p. 5-19, 1982b.

_____. British National Identity and the English Landscape. **Rural History**, v. 2, n. 2, p. 205-230, 1991.

_____. From landscapes of the future to landscapes of the past. **Norsk Geografisk Tidsskrift – Norwegian Journal of Geography**, v. 53, n. 2-3, p. 139-144, 1999.

_____. Living with and looking at landscape. **Landscape Research**, v. 32, n. 5, p. 635-656, 2007.

_____. Eden, Earth Day, and Ecology: Landscape Restoration as Metaphor and Mission. **Landscape Research**, v. 38, n. 1, p. 5-31, 2013.

MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, n. 13, p. 35-46, 2002.

MINCA, Claudio. Humboldt's compromise, or the forgotten geographies of landscape. **Progress in Human Geography**, v. 31, n. 2, p. 179-193, 2007.

MITCHELL, Don. There's no such thing as culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 20, n. 1, p. 102-116, 1995.

MITCHELL, Don. Explanation in cultural geography: a reply to Cosgrove, Jackson and the Duncans. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 20, n.1, p. 580-582, 1996.

MITCHELL, Don. **Cultural geography. A critical introduction**. Londres: Blackwell, 2000.

A paisagem na obra de Lowenthal: um percurso a partir das confluências entre cultura e memória
Rafael Augusto Andrade Gomes

OAKES, Timothy; PRICE, Patricia Lynn (Ed.). **The cultural geography reader**. Nova York: Routledge, 2008.

OLWIG, Kenneth. Landscape: The Lowenthal Legacy. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 93, n. 4, p. 871-877, 2003.

PRICE, Marie; LEWIS, Martin. Reinventing Cultural Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 83, p. 1-17, 1993.

RAPOPORT, Amos. **Aspectos humanos de la forma urbana**. Hacia una confrontación de las Ciencias Sociales com el diseño de la forma urbana. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1978.

SAUER, Carl. Foreword to Historical Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 31, p. 1-24, 1941.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Uma Antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 181-218.

SCHAEFER, Fred. Exceptionalism in Geography: A Methodological Examination. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 43, n. 3, p. 226-249, 1953.

SIBLEY, D; ATKINSON, David; JACKSON, Peter; WASHBOURNE, Neil (Ed.). **Cultural Geography**. A critical dictionary of key concepts. Londres: I. B. Tauris, 2005.

WRIGHT, John K. *Terrae incognitae*: the place of the imagination in geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 37, n. 1, p. 1-15, 1947.

Submetido em Março de 2016.

Revisado em Junho de 2016.

Aceito em Junho de 2016.